

ILLUSTRAÇÃO

EDIÇÃO SEMANAL
Empreza do jornal O SÉCULO

José Joubert Chaves
EDITOR

PORTUGUEZA

Toda a correspondência relativa a esta publicação deve ser dirigida
com o endereço ILLUSTRACÃO PORTUGUEZA—LISBOA

Redacção, administração, atelier de desenhos e officinas de photographia, photogravura, zincographia, stereotypia, typographia e impressão — Rua Formosa, 43 — LISBOA

PRIMEIRO ANNO

SEGUNDA FEIRA, 3 DE MAIO DE 1904

NUMERO 26



S. A. R. A PRINCEZA IZABELLE
D'ORLEANS,
CONDESSA DE PARIS
Mãe de sua magestade a rainha



S. A. R. A PRINCEZA MARIA IZABEL
Irmã de S. M. a Rainha e esposa do senhor
duque de Guise



S. A. R. A PRINCEZA LUIZA FRANCISCA
Irmã mais nova de S. M. a Rainha



S. A. R. O PRINCIPE LUIZ FILIPPE ROBERTO, DUQUE D'ORLEANS,
E SUA ESPOSA, S. A. R. A PRINCEZA MARIA DOROTHEA AMELIA, ARCHIDUQUEZA D'AUSTRIA

A VISITA DA FAMILIA DE S. M. A RAINHA Á SENHORA CONDESSA DE PARIS : EM VILLAMANRIQUE:—OS MEMBROS DA FAMILIA DE S. M.

CHRONICA

Uma semana do século XVIII

Voltem por uma semana o tempo do Tolentino, a época em que o povo ia para os terreiros ouvir as novidades da boca dos alcovetas embrioados, dos volhetes de rabicho e dos frades ventruados e arengueiros. Não houve jornaes n'essa semana e o publico, se não foi para Santa Catharina escutar as narrativas dos successos, andou ali pelas lojas em busca das novidades. Andava-se de nariz no ar a farejar acontecimentos, parava-se nas ruas, debruçava-se gente nos americanos a vêr juntar-se outra gente nos passiosos.

—O que seria! o que foi!
E d'ahi a uma hora no Suisso, na Monaco, pelas tabacarias e pelas lojas de barbeiro fallava-se do caso: Era um crime, uma mulher anavallada, um oceano de sangue, drama palpitante com pessoas finas e um conselheiro mettido no meio.

—Ah! Por isso vi tanta gente parada!

—Tambem eu!

—E eu!...

—Aonde?!

—Na rua do Onro... E era bonita a mulher?! Ninguém sabia se a mulher era galaute, ninguém a tinha visto, olhavam uns para os outros e exclamavam: Que pena não haver jornaes!

Então tocavam successivamente os telephones, gritavam-se numeros e nomes, fallava-se para os jornaes:

—O' menino o' que foi aquelle caso da rua do Onro?!

—Não sabemos nada!

—Que ferro!... Manda informar!

Sabia-se então pela tarde, entre gargalhadas, que o grande e horrivel crime, a escandalosa historia, o drama de paixão com um conselheiro no meio, era apenas a sensacional fuga d'um lindo papagaio que de ha muito estava nostalgico dos espaços e para estes partira a resmungar o estribilho escutado á criada de casa:

—Sucia de massadores! Sucia de massadores!...

Mas os casos repetiam-se sempre. A cidade tom a nervosa ansia de saber que no seu seio se ama, se morre, se passam dramas, misérias, cousas ridiculas e cousas gloriosas, carece saber que se agita, enfim que vive! E como ninguém lh'o dizia, a cidade inventava como aquelles nossos amigos que constantemente se chamam illustres, gloriosos, distintos e muitas coisas mais ao escreverem os seus nomes nos periodicos.

Foi, pois, uma semana como as do século XVIII, semana de pausa, roneira, em que só houve trevas, em que só houve silencio.

A população á hora do almoço parecia embatucada, procurava na mesa qualquer coisa, a comida sabia-lhe mal, berrou muito com a familia por causa da comida e no fim: era apenas a falta do jornal!



A ASSISTENCIA NA BARRACA DO JURY

Socegum, porém, meus senhores, que essa semana foi falla de successos, d'escandalos, de crimes: a sua vida resumese á bem pouco: Os electricos, como em todas as outras semanas, atropellaram gente, os flecaes do sello fizeram apprehensões em barda, houve desordens de pouca monta na Mouraria e no parlamento, que o governo fechou ao apañhar a imprensa n'um interregno, houve alguns furtos de



O SR. BARÃO DO LAGO E O SR. ROMERO

gallinhas, desembarcaram alguns gatinhos hespanhoes, passaram-se muitos bilhetes de beneficio, nomearam-se ainda mais amanuenses, foram achados uns pares de meias, na Ribeira Nova houve algumas prisões por embriaguez, foram na rua uns vadios, as criancinhas nascidas da miséria continuaram a dormir pelos portaes, fizeram-se *lansperennes* e audiencias correctionaes e a carne continuou pelo mesmo preço, a hortaliça encareceu ainda mais por causa da guerra no Japão—dizem os vendilhões—a qual vai muito bem na sua carreira, fazendo o seu dever de guerra ultra-civilisada.

Foi, pois, uma semana á século XVIII, com o baladar de mentiras, com a febre de saber, com toda a gente á olhar-se buscando ler nos rostos dos outros os pensamentos e as occupações das noites e dos dias, uma semana a fremitar de dramas nos cerebros, casos á Tartarin, que nem eram comedias, que nem eram farças, nem simples scenas. As imaginações exaltaram-se, mas os successos não appareceram.

E eis tudo. Como vêem, nada d'anormal!

Nem um só caso para duas columnas, nem uma só noticia de sensação; a cidade e o reino inteiro portaram-se á altura da sympathia sempre demonstrada pela imprensa.

Não havia jornaes?! A cidade, o reino, colonias e ilhas adjacentes ficaram n'uma quietação, sem um movimento, irrequietos, sim, mas a conterem-se, porque, no fim de contas, diz toda a gente que não merece a pena fazer-se qualquer coisa, um crime ou uma esmola, um livro ou uma patusada fóra de portas, sem que os outros, a nação desde Melgaço ao cabo de Santa Maria, o saibam, o commentem e o archivem!

Por isso, meus senhores, como não houve jornaes, não se deram acontecimentos importantes, os quaes terão lugar com certeza no presente mez de maio em que se inaugura a feira d'Alcantara, centro da batalha nacional, agora que o sr. Hintze, no meio do silencio, houve por bem fechar o parlamento..

ROCHA MARTINS.



S. M. EL-REI Á ENTRADA DA BARRACA DO JURY

O CONCURSO DE TIRO AOS POMBOS

Continuou no dia 23 d'abril o torneo de tiro aos pombos na Real Tapada d'Ajuda. Formou organisada quatro *pombos* em que tomaram parte, além de S. M. El-Rei e de S. A. o príncipe Luiz Filippe, os srs. viscondes de Roquesana, pai e filho, João Gregorio, conde de Molina, barão do Lago,

Alfredo O'Neill, Black, Mario Duarte, Brazão de Melo, etc. Disputava-se a taça Alfonso XIII, a qual foi ganha por S. M. El-Rei, recebendo premios pecuniarios os srs. barão de Fallon, Alfredo O'Neill e Romero, premios que foram respectivamente de 47500 réis, 28000 réis e de 18500 réis.



A GUERRA RUSSO-JAPONESA—EM COMBOIO CONDUZINDO TROPAS RUSSAS PARA A COREIA—NO INTERIOR DO WAGON

Todos os dias marcham tropas para a Coreia. Vão acompanhadas os comboios através a sigepp, conduzindo a solidadessa que deixa as suas laras. E durante o primeiro lar-co, guerra, de entres mil laras, as dotes, as traxias marcamos mais laras a medida que o comboio atravessa essas raias obstruidas pela neve. E sempre uma lacumytra eo no aquella que condizia a tropas francesas para Sedan n'um raio de escopis, n'um alacianento de gritos, n'um nervoso entusiasmo; é sempre a mesma locomotiva de desgraça que leva a carne destinada aos canhões, comboios que são como valentes de farras, levando prisioneiros desesperados.

Mobilizados o exercito russo, chamados a guerra a guerra, abandonam-se os campos, os officios sobros podem licença para deixarem as salas do papa real, e correm de os dotes, a atmosfera hospit das roas dependencias, para irromper os para irromper mais um titulo de gloria aos seus illustres appellidos.

E os comboios são innumeros, muitos, sempre muitos a silvarem, a perderem-se, deixando o fumo negro a toldar a brancido das nevas como um ralo de neppat n'um veslido amplo e claro de noivado.

AS AGUAS LIVRES

(Uma excursão no interior do aqueducto)



AGUÁ cabe em cachão, aos jorros, rija o ruidosa, vomitada de chofre pela bocarra de pedra d'um dragão monstruoso para o largo tanque quadrado e fundo que fica na casa d'entrada do aqueducto: e lá n'esse quadrilátero vasto e cavado, ella toma um tom azul carregado como se fosse n'um lago nua grande massa a accumular-se, a viver sem

uma prega, sem uma ondulação, serena e immensa a espalhar frescura na sala de pedra illuminada por janelas largas junto ás quaes as rosas crescem nos cachos no jardim ríçoso da entrada, além no recanto das Amoreiras, perto da rua, a dois passos da agitação, do ruido.

Estavamos na Mãe d'Água e iamnos viver durante algumas horas no intimo d'esse aqueducto, gloria de pedra, cujas arcarias como portas enormes parecem sustentar o corpo d'um animal extranho a estender-se para a cidade n'um percurso de perto d'uma legua, após co-



A MÃE D'ÁGUA

Tranquillisa-nos a voz do guarda que ceceja soturna nas abobodas e se perde n'um gemido lá ao fim.
— Podem andar... aqui não ha nada no caminho!
Vamos andando, andando sempre, roçando as mãos nas paredes salitrosas, muito humedecidas como se uma familia de reptis alli tivesse deixado mostões de baba; e os nossos olhos habitam-se lentamente ás trevas, ao passo que nos chega a recordação da historia d'aquelle aqueducto enorme, glorioso nas suas pedras, antigo e forte, a dominar canchos e ruas, a abastecer a cidade d'água.

Já no tempo d'el-rei D. Manuel, quando da Índia chegavam nuaa atalhadas de riquezas, quando vinha o ouro, a pimanta e o gengibre nos quintais, se pensava em construir o aqueducto. Mas depois el-rei, o venturoso rei, morreu e sucedeu-lhe João III, sombrio e mesquinho, fundador da Inquisição em Portugal, e a índia paralyson-se.

Lembravamo-nos muito d'esse principio d'essa Inquisição ao vermos-nos além, longe da terra, nos ares, caminhando por entre soturnas e pesadas abobodas mais feitas para visões e nas quaes as nossas passadas eram como martelladas rijaas.

A historia do aqueducto continuava a lembrar-nos:

D. Sebastião pensara em fazel-o, lancara impostos, entesourara e dilahou e aguardara o momento de voltar victorioso d'África, d'essa jornada d'Alcazar-Kibir, para levantar o aqueducto e abastecer a cidade de boas e fartas aguas. Mas o rei morreu na batalha, succumbiu nos arenes d'África, deixou lá a vida e a coroa, e os senhores, já quando a Hespanha nos calcava com o sapato ferrado da neuropação, gastaram o ouro do erario em festas a Filippo II, o usurpador sombrio, tristonho, implacavel.

Depois tudo esquecen, continuou-se a soffrer sedes em todos os verões, vieram secas periodicas, cobriam-se de poeira as ruas, os tempos decorriam até que, após nua grande secca em 1727, D. João V, ao mesmo tempo que erguia esse thesouro de pedra, caro e frio, deliberava banhar os olhos sempre presos em *calendas bellizas*, como dizia o Cocuhin, para os seus nobilitos sequeiros.

E assim turbados por estes pensamentos ovimos a voz do guarda.

— Alto! Cá estamos no deposito!

Abria-se nua porta, entrava nua bafurada d'ar e vi-nha nua claridade intensa a regar-nos após as trovias d'alguns minutos que nos pareceram horas.

Rangia nua chave enorme na fechadura, abria-se a portada e entravamos n'uma casa em forma de mirante e ordo por todos os lados, a nua altura de seis ou sete metros, a agua surgia de bocas talladas na cantaria d'esse la perder em desvios e gorgolejar, a cantar rijamente.

— E' d'aqui que vae a agua para o Alto do Pina, para o Principe Real e para a Penha! Como sabem, debaixo do jardim do Principe Real ha nua enorme deposito...

E nde com os olhos ligados áquella massa d'água que passava, ovivamos o ruido de machinas n'um quintalejo onde tambem ha rosas e que fica ligada com o aqueducto.

— São as machinas que fazem trabalhar as bombas... — disse o homem.

Entretanto fallavamos das sommas enormes dispendidas n'aquelle trabalho desde o começo a 1835, em que elle se concluiu: e o homem arregalava os olhos e de bocca aberta, ao dizermos-lhe a quantia:

Nada menos de 7.561.981\$000 réis!

— Eua?! Era o bastante para enriquecer agora Portugal!

Os homens das machinas, nas suas gangas farruscadas, sorriem, e elle, como destumbrado ainda por aquella fabulosa quantia, quasi se esquece do rosto da excursão.

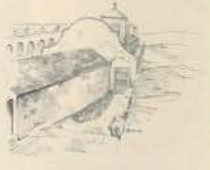
Tocamos-lhe no hombro e partimos de novo pela galeria, já n'um pouco mais animados com o escuro, e entramos a contar cousas relativas ao aqueducto. — oh! a empreza que arrastou as obras n'uitos empréstimos fez durante esse tempo ao thesouro!

— Ao governo?! pergunta cholo de pasmo.

— Sim, ao menos por ordem d'elle desde 1799 a 1885. Foi para a fabrica das sedas fazer fardamentos de archoiros da casa real, foi para as minas de cartão, para a intendencia de policia e até para se fazer nua casa em Carnaxide destinada á ama d'uma pequenina infanta!...

— C'os diabos!... ah! agora cautela! Isto agora é mais perigoso...

Tinhamos chegado á entrada d'outra galeria, essa enorme, immensa, mais escura, sem nua fresta, a agua corria a nossos pés com nua profundidade de quatro



A ENTRADA DO AQUEDUCTO EM CAMPOLIDE



O LOGAR SOBRE O ARCO GRANDE ONDE O DIOGO ALVES CORBETTIA OS SEUS CRIMES

tras seis durante as quaes a agua caminha fresca e aos borbotões sob os terracos onde as minas se altomam como muros milliares chancelando nua obra grandiosa de utilidade e de vida.

Subimos nua escadaria de pedra, chegamos ao alto e de lá olhamos ainda essa massa d'água azulada e immensa a encher o tanque enorme; depois enfiamos por nua



VISTA DO ARCO GRANDE

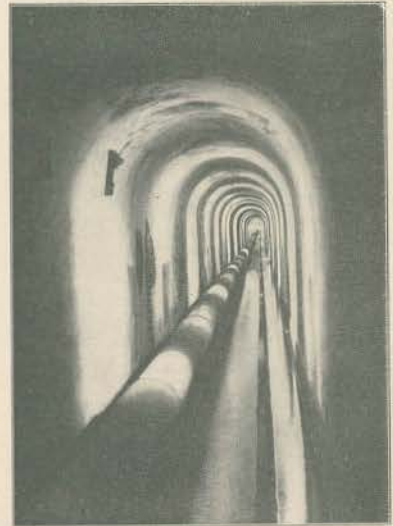
galeria clara onde os nossos passos soam cavamente, caminhamos sempre pelo lagado que ladea os cauos abertos onde o liquido corre n'um ruido maulso. A' nua frente vae o guarda, a sua figura torce-se por vezes, somente para apparecer mais ao longo n'uma volta e assim vamos entrando n'outra galeria á direita, nua especie de tunel onde faz escuro: ali são raras as claraboias, oncho-se de trovias o buraco por onde caminhamos acompanhados pelo gorgolejar da agua nos canos. Pouco a pouco a escuridão torna-se mais densa, vem-nos nua vertigem, com nua terror enorme d'avançar, na sensação que vamos topar obstaculos na nuaa frente.



UM BRESPIRA-DOURO



UM DEPOSITO



A GRANDE GALERIA ESCURA

metros e tinhamos que caminhar sobre nua taboa es-treitissima n'uns prodigios d'equilibrio.

Assim nas trevas, desvaivadas, sem outro guia que as passadas do guarda lá á frente, seguimos o caminho. Buscavamos accender phosphoros, sentiamos vertigens, tinhamos receio d'avançar sobre as taboas estreitas a que por vezes cediam, oscillavam.

Mas os phosphoros apagavam-se com a humidade, com a falta d'ar do tunel e o guarda exclamava:

— So n'ousses que os senhores queriam vir cá por dentro, tinha trazido a lanterna!

— Onde estamos nós?... interrogamos cheios de curiosidade.

E elle, muito simplesmente:
— Por cima de Campo d'Ouriquel!...

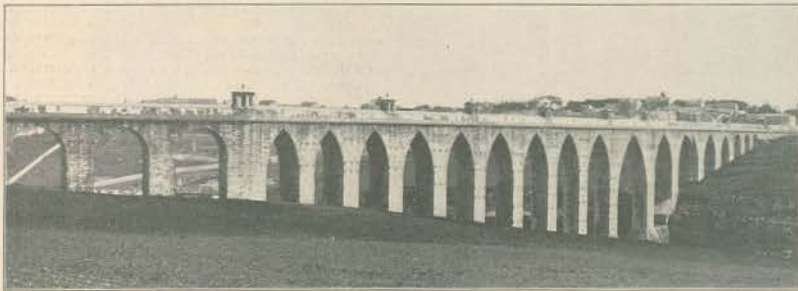


A ENTRADA DA MÃE D'ÁGUA NAS AMOREIRAS



ENTRADA DO DEPOSITO EM CAMPOLIDE

Lá vamos avançando sempre, cada vez mais cheios de receios e rente ás paredes húmidas, mal equilibrados na taboa fina, as mãos a lactear em o espaço, as pernas vergando n'aquella hesitação de encontrar apoio. E ninguém falla, estabelece-se um grande silencio, apenas se ouve o ruído dos pés a arrastar na ponte estreita por onde caminhamos e assim durante uma moia hora, ora tocando as paredes, ora tentando no tacto, com a agua por debaixo a cantarolar com um ruído agradável enquanto ao longe, lá ao fim, se despenha com mais força.



VISTA GERAL DOS ARCOS DAS AGUAS LIVRES NA RABICHA

E' sempre a mesma trova, a mesma louca impressão n'aquelle escuro perturbador, por onde caminhamos rente ás paredes, passando as mãos na humidade, na escorocorria pegajosa dos altos paredões. Equilibravamos-nos sobre a taboa, á frente o guarda batia as passadas, n'um rasgão havia lá ao fim uma aclaração muito breve como uma estrelinha a tremeluzir. — O que é aquillo além?! — interrogamos.



UMA GALERIA

A voz volta a perder-se nas arcarias e o guarda diz: — E' um desvio... — Vae dar aonde?! — E' o caminho para Campolide. — Podemos ir por ali fóra?! Acabava-se a taboa. Iamos a caminhar pelo rebordo dos canos, o guarda exclamava: — Agora o aqueducto vem muito cheio... — E' melhor sahir! — Pois sim! Abre uma portinha estreita, alegre-se e interior do cano n'uma chapada de luz o elle, apontando um terreno enorme, d'um circuito igual ao do Rocio, elucidado: — Este é o deposito de Campolide d'Ourique. Nos terrenos vastos crescem herbas, apparecem respiradouros a meio do campo e em baixo jogado a um arco é um chafariz: o do arco do Carvalho que jorra a agua sahida do aqueducto no qual nos metemos de novo para irmos sahir perto do Campolide onde comecam as grandes arcarias.

Entramos de novo n'um portão largo e na nossa frente rasga-se um jardim onde as roseiras são vastas e as rosas aos cachos, em frente é uma estrada de pedra rente ás paredes do monstro do arco alçado sobre as enormes arcarias. Vamos agora passar sobre a estrada, alongar a vista nos campos, sentir o ar lavado d'aquella altura enorme d'onde se avistam campinas, pontas de chaminés de fabricas, edifícios, como pegados, fachadas da casaria batida de luz e no fundo, n'uma, mollé immensa, n'um tom cinabreo, a praça do Campo Pequeno redonda e imponente a fechar a paisagem coberta de verdura, banhada de sol, repandente e suave por aquella hora da tarde em que, caminhando pela estrada de cantaria, chegamos ao arco grande. São todas as terras da Rabicha, o regato a correr docemente, uma paisagem vasta lá ao largo com uns outeiros ao fim e para outro lado desertizam-se pontas de arvores, trechos meio sumidos e que tem tonalidades breves.

Ha alem uma lapide meio sumida, comida pelo tempo e onde se lê: *Arco Grande: altura do rio na passeio: em palmos 296,75, em metros 65,29. Largura entre os peões 131 palmos, metros 38,86.* Estamos pois a 65,29 metros acima do sol, mergulhamos a vista na campina, olhamos oriacho que salta na

pedras, uma locomotiva que passa rapida a peneirar fumo aos rolos, a baforejar vapor e que vae ligeira. O arco grande projecta a sua sombra no terreno, alastra o ó immenso como a d'um pilar de cathedral. Ouvem-se no longo sumidamente bater as duas horas e o guarda encosta-se meditativo no rebordo do munitus aqueducto. Entretanto vamos á imaginação a strateza lugubre d'aquelle logar, a narrativa que corre impressa e na qual está biographado um bandido celebre.

— Onde é o sitio que o Diego Alves escolhia de preferencia para os seus crimes?! — Ah! Eu lho mostro... Está ali o logar mureado por duas pedras! São cantarias levantadas da estrada e arrimadas ao paredão e logo tivemos a impressão nitida d'essas noites tragicas em que o bandido, occulto n'uma d'aquellas claraboias que lembram torrialhas d'abrigo nas muralhas d'uma cidade, aguardava as victimas.

E era todo o seu trabalho de violencia e de infancia, o salto, o agarrar do transeunte pelas costas, o roubo feito á pressa, depois o impulso para o erguer nos braços, collocal-o sobre o pontão e, enquanto o desgraçado se debatia, empurral-o para se estalar e as pedras com um huro sumido, cê em baixo, a despedaçarem d'aquella altura de perto do 70 metros.

A tarde estava linda, os passares voavam muito perto de nós, alastrava-se a sombra do arco grande e os campos tinham coloridos de sol na verdura fresca, havia gente aos ranchos, homens e mulheres do tamanho de crianças em comestinas por esse domingo de luz e de calor: UMA FRESTA DA GALERIA PEQUENA e a voz do guarda, pausada e



O DEPOSITO DAS AMOEBIHAS

lenta, accentuava: — Pois era aqui que o magnão fazia das suas!...

E os arcos abobadados e negros, a impressão da viagem voltou-nos, o termo d'aquella escuridão, e caminhar sobre a taboa, o estirão enorme sob as paredes, toda aquella vida estranha de mineiros nos recordou alem no logar dos crimes e ficamos ainda nos momentos evocando esses tempos em que os campones de Benfica e arredores faziam caminho por ali.

— O malvado só teve pena d'uma criancinha que matou pela madrugada em certo dia... ah! a pequenina na ro ar e ainda lho disse adeus com a miosinha!

Foi só d'ella que teve pena, o malvado! E o guarda na sua voz arrastada, com a sua ingenua maneira de homem do povo, olhou-nos, olhou os arcos e calou-se tambem.

Fomos então descer ao fim, fomos sahir por uma porta de ferro que deita para um aialho e corremos para a estação de Campolide onde o comboio estava a chegar. Ainda vimos os arcos, enormes colunas, o arco grande, atureiro o signal ao pilar d'uma cathedral e um de nós bradon já bono á vontade no interior da carruagem que corria nos rails:

— Já estou com pena de não ter voltado pelo interior do aqueducto!

E veim-nos de novo a ideia a esmerilhado, a agua a cantar nas pedras, aquella taboa que oscillava, o cou do pedra das abobadas, as paredes húmidas e sentimos um grande desejo de mais ar, de mais luz, de nos embebermos na mansidão d'aquella linda tarde. Mas o comboio entrava no tunnel, sumia-se nas trevas. Era do novo como no aqueducto, o mesmo escuro, a mesma vertigem, as mesmas abobadas. A luz perdia-se, a tarde acabava para nós, findava para resuscitar na gure no tumulto dos passageiros, na alegria da cidade que tripudava ruidosa n'essa tarde de domingo, de sol e de tourada.



A PRIMEIRA GALERIA

A SENHORA DA SAUDE

Na manhã de primavera a cidade, n'um banho de luz, animou-se como nos velhos tempos da fé, e ao sol claro, vivo, glorioso, as lindas lisboetas viram passar aquella imagem da Senhora da Saude, imagem veneranda e de rosto suave, que traz perolas de lagrimas no rosto consolador e que tantas lagrimas tem apagado nas faces de mulheres tambem assim bellas e que lhe depõem aos pés os votos e as preces.

E' que essa Senhora da Saude, com todo o fervor da tradição, ficou sempre como um symbolo de bondades no coração d'este povo que dos arabes herdou o feitiço do culto por tudo quanto é mysterioso.

Sob o toldo azul lavado do céu, a procissão passou com os seus andores onde vae a Senhora e onde vae S. Sebastião furado de settas, com o seu rastro de incenso e de perfume de flores, as mais bellas que mãos devotas colhem para engalantar o pedestal onde as imagens vão a expôr-se á devoção.

Lisboa, a cidade de hoje, pacata, burgueza, saudou ainda a santa que protegeu a Lisboa de hontem, aquella leal cidade cingida no arco branco das suas muralhas e que com o rio aos pés, famosa e garrida, allancira o gracil, guardava o throno do seu rei e o altar do seu Deus.

Foi no anno de 1570, anno ferrol da peste grande, quando a corte fugia espavorida e os nobres entrouxavam os haveres e os bispos resplandocentes e as legiões heroicis partiam pelas portas de S. Catharina, de S. Vicente, da Trindade para os campos verdes, para as campinas vastas e cor-de-esmeralda n'esse abril das aves e das flores, e iam pelo arco dos Cobertos tomar nos caes os barcos que os transportavam a Almada e outros logarejos d'alem Tejo, que a fé sempre viva nos corações se exaltou e levou o povo a fazer um voto.

A Virgem sem duvida escutaria as vozes de todas essas mães que viam morrer os filhos, de todos esses noivos que viam finar-se as noivas como camélias lacteas a serem corroidas pela verminha — diziam os frades e diziam os do povo — a Virgem não poderia negar o seu bento auxilio á cidade tão religiosa e que por tão dura prova passava.

Então a 20 de abril d'esse anno, quando já havia hafordas de verão e nas ruas apodreciam os cadaveres



A PASSAGEM NAS RUAS



A SAHIDA DA ERMIDA DE S. SEBASTIÃO Á MOURARIA

Havia então uma florescente e piedosa irmandade de S. Sebastião e da qual faziam parte os artilheiros do reino: vieram todos, em massa, com as suas fardas e com as suas opas, solicitar dos outros a honra de recolherem a imagem milagrosa na sua pequenina ermida da Mouraria, ermida chamada de S. Sebastião e onde o santo d'este nome — general romano cravado de frechas partidas — morava e era adorado pelos artilheiros.

Os da irmandade da Senhora da Saude acceptaram a offerta e então tambem n'uma quinta-feira e tambem n'um dia 20, em abril como no anno da peste, a Senhora foi levada em procissão aos hombros dos officaes de artilharia, os mesmos que deviam defender as fronteiras ameaçadas n'aquella era de ataques á dynastia.



A SAHIDA DA SÉ

O ANDOR DA IMAGEM CONDUZIDO POR OFFICIAES D'ARTILHARIA

dos pestíferos, fez-se pela primeira vez a procissão, n'uma quinta-feira e por uma hora matinal.

Ajoelhava o povo, iam descalças as mulheres, faziam-se rogos, elevavam-se braços em sentidas preces, corriam lagrimas e a imagem muito bella, muito clara e de claras sedas enroupada, passou nas ruas da cidade e recolheu á igreja dos meninos orphãos.

Apagouse a peste com as chuvas que vieram, voltou a saude e voltou a paz, depois o verão entrou triunphante e instituiu-se logo uma irmandade.

Senhora da Saude!

Foi assim que o povo lhe chamou na sua crença doce, simples e ingenua.

E Senhora da Saude ficou sendo a Virgem mãe, como já lhe chamavam Senhora da Bonança, dos Navegantes, das Dóras, como a um symbolo de tanta Perfeição que na sua aureola mystica tivesse refrigerios para todos os males, tivesse o poder para aplacar furias de ondas, para guardar os galéas da Índia, para acalmar as dôras e para fazer voltar os risos aos labios emorecidos das criancinhas doentes, dos velhos moribundos, para fazer renascer o leite — balsamo de vida — nos seios enfermos das mães e para dar victorias ás quinas da bandeira d'esse Portugal que instituiu mais um culto á mãe de Christo! Além ficou noventa annos na sua capella, além durante esse tempo fez mil milagres como dizia o povo.



A ENTRADA NA SÉ



AS TROPAS PORTUGUEZAS DA GUINÉ ATACANDO O GENTIO REBELDE—(Segundo um croqui)

Foi em março que a esquadilha formada pela canho negra *Cacena*, pelas lanchas canho-côres *Cacena* e *Fazim* que rebocavam perto de 20 lanchas nas cruzes lam os negros auxiliares formando com as tripas e marinhagem portuguesa um total de 100 homens, subiu o rio Peluato ou Choro. O gentio em grande numero estava oculto no mato e começou fazendo um fogo cerrado a que os nossos responderam com disparos das metralhadoras. O inimigo lançou-se valentemente para a frente em columnas serradas que rochavam sob o fogo formidável feito dos barcos. Chegou então o momento do desembarque e os marinheiros portugueses,

com alguns soldados e os auxiliares indígenas, correram o mato e onde os gentios se tinham oculto. As forças portuguesas com os auxiliares do Bisan e Biana penetraram a sítio em agitação pela maritim e começaram a atacar ao gentio incendiando as povoações de Chelentrice, Wogus Cirra e Icar nas quais applicaram cerca de 100 caixas de gado. O official da esquadra de Euzaire Vieira de Mello, em presença da esquadrilla, que se tornou pela cotagem do que deu provas como commandante da *Cacena*, sobre a qual se concentrou com mais violencia o fogo inimigo.



O BAILE E «KERMESSE» DE CARIDADE NO PALACIO POZ, RESIDENCIA DO SR. PAGE BRYAN, MINISTRO DA AMERICA

O baile foi um encanto, uma maravilha, um deslumbramento. Na scintillação dos requês de luz electrica, as damas formosissimas em *taillets* de mais fino gosto, trechos de alabastro animados, davam um esplendor extraordinario a essa salle onde o mundo seguinte se divertia, pensando nos pobres. Estava all todo esse grande mundo, marquesses, gentilemens, a flor da nobreza, a ligar-se n'um arrebatamento das danças, entre flores, através as salas ricas do palacio. Armava-se uma lombela só de lindissimos objectos de prata, em quadro fulgurante nos cachos da luz; havia uma entre de objectos bordados o pinto os, relevos, ill grãos do ouro; *passaportelle* d'um trabalho magnifico feito por dedos de indas, trabalhados com cuidadosos exlras os.

ceravam-se docemente n'um deslumbramento de pedrarias, entre as rosas que esparçiam os seus aromas e perfumavam o bello recinto onde se realizava o magnifico baile, no qual a gente do alto mundo se divertia com o pensamento na caridade, ao tem a espallar por uma turba de infelizes sem lar e sem pão. Não faltou ninguém d'essa sociedade elevada, e estava all tudo quanto tem um nome conhecido, todos correram a essa obra de bem e de caridade. E o sr. ministro da America, sempre encantador e sempre amavel, mais uma vez mostrou bem gentilmente a fidalguia do seu caracter ao emprestar os seus salões para semelhante fim.

X e *collon* foi magnifico e dirigido pelo sr. Antonio Lavaredo, as marchas eram bellas, de lindo effeito, e n'aquellas focas electricas de luz em reverberos, em scintillações, as damas balon-



CONSELHEIRO COSTA ALLEMÃO
Presidente da direcção
e da comissão dos festejos



DR. DANIEL DE MATTOS
Secretario geral da direcção



BACHAREL ANÍBAL DA COSTA MALA
Thesoureiro da direcção



DR. JOAQUIM B. TEIXEIRA DE CARVALHO
Vogal da comissão dos festejos



DR. ANGELO DA FONSECA
1.º secretario da direcção
e da comissão dos festejos



CHARLES LEPIERRE
Vogal da comissão dos festejos



DR. ELYSO DE MOURA
2.º secretario da comissão



BACHAREL JOSÉ RODRIGUES D'OLIVEIRA
Vogal da comissão dos festejos

O CONGRESSO DE MEDICINA EM COIMBRA REALISADO EM 20 E 21 DE ABRIL—A COMISSÃO ORGANIZADORA DOS FESTEJOS



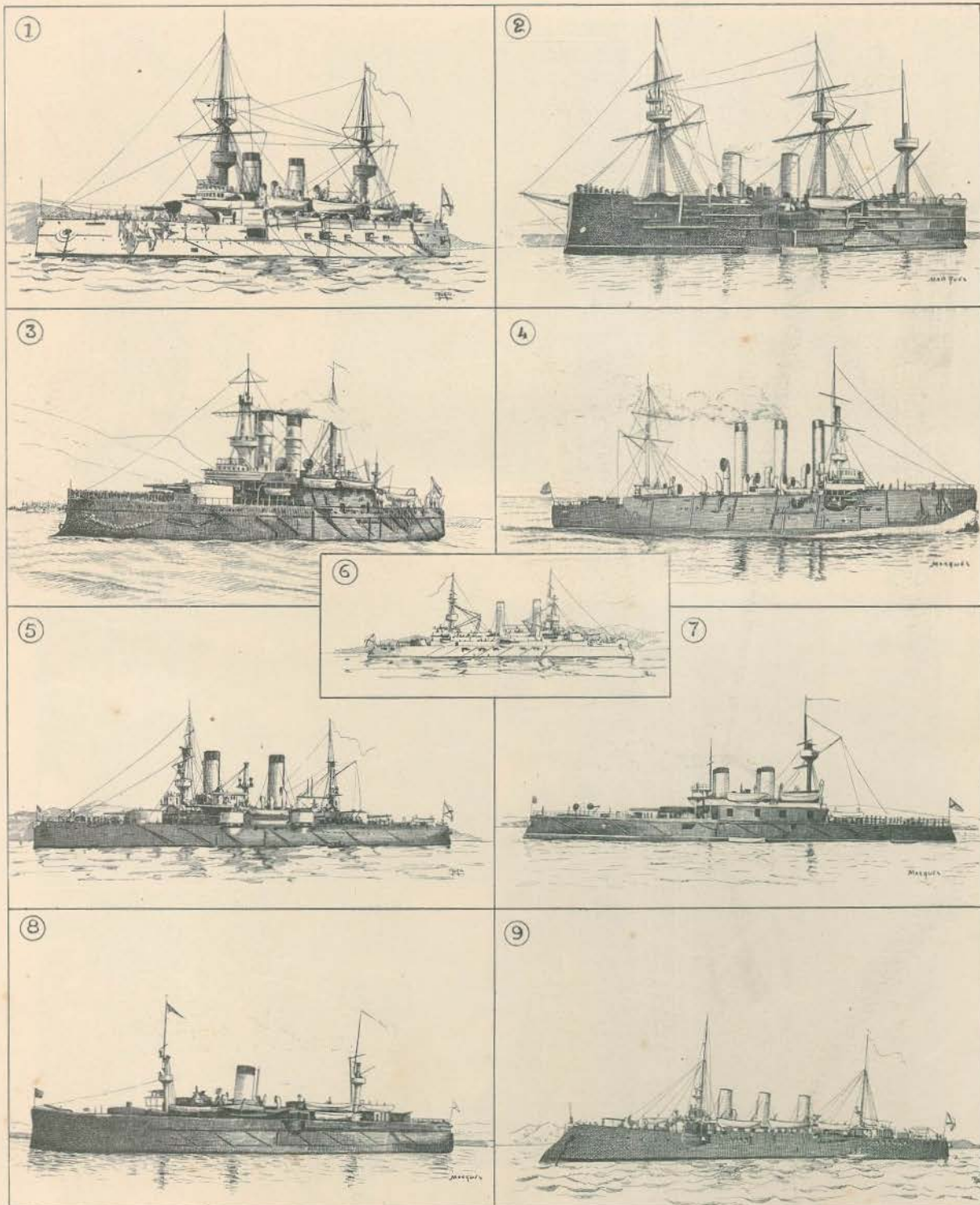
JOSÉ PEREIRA DE SAMPAIO (BRUNO)

É o brilhante prosador, o escriptor sapiente e docto que a par de Theophile se destaca na litteratura portugueza. Velho e intranquillo democrata, temperamento febril, o grande escriptor trabalha sempre em obras de cunho e que ficam na nossa litteratura como monumentos. Ha annos denunciou a critica do *Brazil Mental*, agora apresenta-nos *O Encoberto*, livro onde define a tendencia messianica d'este povo prompto a acreditar no sobrenatural, prompto a abraçar um redemptor seja elle D. Sebastião ou um simples *Roi da Erictria*, seja elle um apóstolo ou um aventureiro. O ultimo livro de Bruno é uma súa base da raça portugueza feita pelo escriptor que melhor escreve hoje o portuguez.



O ALMIRANTE MAKHAROFF

MORTO NO ÚLTIMO COMBATE DE PORTO-ARTUR
Era uma figura gloriosa, agora ainda mais nobilitada pela morte trágica a bordo do seu navio. Tomou parte na campanha russo-japonesa em 1877, destacando-se desde logo. O seu nome fica ligado a diversas invencões e entre ellas á d'um apparho quebrar-gelos que é adoptado em todas as marinhãs do mundo. Foi escolhido para substituir o almirante Stark no commando da esquadra que tão horrorosamente foi atacada em Porto-Artur, perdendo o mais bello dos seus navios.



A GUERRA RUSSO-JAPONESA:—A ESQUADRA RUSSA DO BALTICO QUE VAE DENTRO EM POUCO INCORPORAR-SE NA ESQUADRA DE OPERAÇÕES

1.º «IMPERATOR ALEXANDRE II»—2.º «DIMITRI DONSKOI»—3.º «SISOI VILKSI»—4.º «AURORA»—5.º «PETROPAVLOV»—6.º «ALEXANDRE III»—7.º «NAVARIN»—8.º «ALMIRANTE KASPEROV»—9.º «SITELANA»

- 1.º *Imperator Alexander II*, cruzador de 9300 toneladas, feito em 1887.
- 2.º *Dimitri Donskoi*, feito em 1865, de 6580 toneladas.
- 3.º *Sisoï Vilksi*, couraçado feito em 1904, de 9000 toneladas.
- 4.º *Aurora*, cruzador de 2.ª classe, foi feito em 1900, desloca 6330 toneladas.
- 5.º *Petro-pavlov*. Este cruzador foi despedaçado pelas machinas japonesas na ultima batalha de Porto-Artur. Desloca 11000 toneladas e tinha 750 metros de comprimento. A bordo d'este cruzador estava o similante Makaroff, que morreu, e o grão duque Cyrillo, primo do czar, que ficou ferido.
- 6.º *Alexander III*, cruzador de 13256 toneladas, feito em 1901.
- 7.º *Navarin*, couraçado feito em 1903, de 10500 toneladas.
- 8.º *Almirante Kashtakov*, cruzador de 8500 toneladas, foi feito em 1899.
- 9.º *Sitelana*, couraçado feito no Havre em 1866, de 3500 toneladas.



MADAME KOVANDER
MINISTRA DA ESCOLA



D. MARIA DE JESUS SOUSA ROLSTEIN
(ESCRIBIDA)



MR. PAGE BHYAN
REPRESENTANTE DA AMERICA



D. MARIA DE VASCONCELLOS
(FUGUEIRO)



D. ANTONIO LAVRADIO
QUE DIRIGIU O «COTILLO»

O BAILE E «KERMESSE» DE CARIDADE NO PALACIO FOZ, RESIDENCIA DO SR. MINISTRO DA AMERICA
ALGUNS DOS PROMOTORES DA FESTA



O TORNEIO DE ESGRIMA NA REAL TAPADA D'AJUDA EM 25 DE ABRIL

1, O PATIBULO DO JURY DESTE SR. SMO. AS BATERIAS SESSOAS D. MARIA PIA E D. AMELIA ASSISTIRAM AO TORNEIO—2, ASSALTO ESTRE O SR. ROMERO E CANDIDO FERNANDES DO QUAL VENCEU O SR. ROMERO
3, ASSALTO ENTRE O SR. ROMERO E SOLANO D'ALMEIDA QUE FOI TUCADO—4, ASSALTO ENTRE O SR. ROMERO E O SR. LEONE DO QUAL FOI TUCADO ESTE ULTIMO CAVALLEIRO

Aquella cantinho fresco e aprazivel da Tapada, onde se realizam de costume os torneios de tiro aos pombos, animouse na tarde com a *poêle de ope* a qual concorreu numerosa esgrmistas. As carruagens deixaram os convidados á entrada do recinto e na barreira do jury appareiam as senhores da nossa primeira sociedade que iam assistir ao torneio. Dentro em pouco chegavam S. M. el-rei, S. M. a rainha senhora D. Maria Pia, S. M. a rainha senhora D. Amelia e S. A. R. o senhor Infante D. Alfonso.

Pinto Bastos, Mario Duarte, Candido Fernandes, Cesar de Mello, Eduardo Romero, Solano e Leone. Vieram vencedores os srs. Heredia, Candido Fernandes, Mario Duarte e Romero. N'um intervalo houve um desafio entre os srs. Euzadio Coelho e Barão do Lago, Domingos e torneio os srs. Antonio Mexilha e vicende de Reguengos (filho).

Os premios foram distribuidos por S. M. a rainha senhora D. Amelia e consistiram d'uma bandeja de prata, offerta de S. M. el-rei, que foi ganha pelo sr. Heredia, um par de botões e um estojo com cigarreiros, que foram ganhos pelos srs. Candido Fernandes e Romero.

Começou então o torneio, no qual tomaram parte os srs. Sebastião Heredia, Vieira da Silva,



UM ASPECTO DO BAZAR DE CARIDADE REALISADO EM 25 DE ABRIL NO CONVENTO DE JESUS—A COMISSÃO PROMOTORA

1.º SR. CONTADOR DO REXO SALAMBA—2.º SR. LEIJO JOSÉ VALENTE—3.º SR. D. FILIPE DOS SANTOS FREITAS—4.º SR. MANUEL GONCALVES BASTOYA—5.º SR. V. MARIA SULTA—6.º SR. D. YERONIMA REIS—7.º SR. D. MARIA FREITAS
8.º SR. AARIBO CARLOS D. SALAMBA—9.º SR. D. ROSA TAVOLLA DO REXO SALAMBA



EM SAN SATORINO—EL-REI CHEGANDO À PORTA DA EGREJA



EM LERIDA — EL-REI SAHINDO DO «TE-DEUM»
A VIAGEM DO REI DE HESPAHNA



MANUEL D'VOLIVIRA TEQUE
Delegado dos vendedores de Jornaes junto
à mesa da imprensa

RENQUEIRO
Secretário
GUILHERME HENRIQUES
Secretário

JOSÉ JOAQUIM ROSA
Presidente

A MESA DA ASSEMBLÉA DA ASSOCIAÇÃO DOS VENDEDORES DE JORNAES



PORTAL DE DAMAS EM JERUSALEM

OS NOVOS PEREGRINOS

POR MARK TWAIN, TRAD. DO ORIGINAL POR ALBERTO TELLES

Não mais quero ver sitios como este de Esdrelon, onde o chão é plano e se pode galopar. Produz disparates na cabeça dos peregrinos. Pois todos ao mesmo tempo, quando um se está espantando estupidamente ao sol, lá vem n'um galopo infernal esporeando esses velhos sendeiros até que os calcunhados lhe fiquem mais altos que a cabeça — e eis senão quando se avista o pequeno cano de um revolver e uma bala pequenina vai pelos arcos cantando. Mas, já que comeceti esta peregrinação, é meu intento acaba-la, embora, a falar verdade, só o mais desesperado valor me tenha mantido no meu proposito até agora. Não se me dá de beduinos — não me assustam, porque nem beduinos nem arabes ordinarios mostravam qualquer disposição para nos fazer mal; de quem tenho medo é dos meus companheiros.

Chegados ao extremo limite da planície, subimos por um outeiro, e achamo-nos em Endor, celebre pela sua feitiçaria. Ainda lá há descendentes d'ella, que são a mais fera horda de selvagens meio nus, que temos encontrado. Sabiam assucar os corticos de terra amassada, de chocas do tamanho de uma caixa de fuetta, de cavernas patentes sobpostas a rochas inclinadas, de fendas na terra. Dentro em cinco minutos tinha desaparecido a morta solidão e o silencio d'aquella sítio, e uma multidão a esnoalar, nos guinchos e nos gritos, se metia por entre os pés dos cavallos, obstruindo o caminho. «Dae-nos uma esmola! Uma esmola! Uma esmola! Howajji! Uma esmola!» Era a repetição do que nos tinha sucedido em Mazdala, com a differença de que a scintillação dos olhos dos infelizes aqui era feroz e cheia de odio. A população orca por duzentos e cincoenta, e mais de metade dos habitantes vive em cavernas abertas na rocha. A immundície, a degradação e a selvageria são a especialidade de Endor. Agora não ha mais que dizer de Mazdala e de Deburai. Endor vai na cabeceira do rol. E peor do que qualquer *campesidie* indiana. O monte é arido, cheio de rochas. Não se enxerga um pé de herba, apenas uma arvore, uma figueira, cuja raizitaria se some entre rochas na entrada da triste caverna outr'ora occupada pela verdadeira bruxa de Endor. N'esta caverna, segundo é tradição, assentou-se o rei Saul á meia noite, fitou os olhos e estremeceu enquanto a terra tremia, os trovões escuravam por entre os montes, e do meio do fogo e do fumo a alma do fallecido propheta lhe appareceu. Saul arrastou-se para este lugar na escuridão, enquanto o seu exercito dormia, para saber que destino lhe estaria reservado na batalha do dia seguinte. Retornou triste para ir ao encontro da desgraça e da morte.

Brotu a nascente da rocha nos sombrios recessos da caverna, e nós tínhamos sede. Os habitantes oppuzeram-se a que a fossemos. Não se importam de immundície nem de trapos, nem de vórnos, nem da barbara ignorancia e selvageria: não se lhes dá de um grão razãovel do que vulgarmente se chama terror á fonte; mas, praz-lhes ser puros e santos diante do seu deus, seja qual for, e, portanto estremeceem e quasi que perdem a cor com a idéa de labios christãos polluídos uma nascente, cujas aguas devem descer pelas suas santificadas gargantas. Não tínhamos nenhuma vontade impertinente de ferir sequer os seus sentimentos ou de tripudiar sobre os seus prouijos, mas faltava-nos agua, logo pelo manhã cedo, e estávamos mortos por matar a sede. Foi n'essa occasião e n'estas circumstancias que eu formulei

lei um aphorismo, que já se tornou celebre: «A necessidade não conhece lei.» Entrámos e bebemos.

Livrámo-nos dos bulhentos miserios, dividindo-os aos quatro e aos dois, ao passo que subimos os outeiros — os velhos primeiro, as crianças em seguida, e as raparigas depois; os homens fortes correram atraz de nós uma milha, e só nos deixaram quando tinham apanhado, por esmola, a ultima piastra possível.

Numa hora chezámos a Naím, onde Christo resuscitou o filho da viuva. Naím é Magdala em ponto pequeno. Não tem população importante. Distante d'ella com jardas está o cemiterio primitivo, segundo creio: as campas sepulchraes são estendidas no chão, conforme o estylo hebraico na Syria. Os musulmanos não permitem aos judeus ter tumulos levantados. Uma sepulchra mahometana é do ordinario grosseiramente esculpida por cima e caída, e tem n'uma das extremidades uma saliência, que revela bem o esforço prodigioso para ser ornamentado. Nas cidades não ha absolutamente nenhum aspecto de sepultura; a uma pedra-marmore tumular, alta e dolgada, com inscripção bem trabalhada, dobrada, e plufada, indica a sepultura, e é sobrepujada por um turbante, esculpido e formado de modo que signifique a posição que teve o defuncto em vida.

Mostraram-nos um pedaço do antigo muro, que, segundo disseram, era um dos lados da porta pela qual o cadaver do filho da viuva vinha sahindo, ha tantos seculos, quando Jesus encontrou o acompanhamento:

«E, quando chegou perto da porta da cidade, eis que levavam um defuncto a sepultar, filho unico de sua mãe, que já era viuva: e vinha com ella muita gente da cidade.

«Tendo-a visto o Senhor, movido do compaixão para com ella, disse-lhe: Não chores.

«E chegou-se e tocou no osso. (Pararam logo os que o levavam.) Então disse elle: Moço, em te mandando, levanta-te.

«E se sentou o que havia estado morto, e começou a falar. E Jesus o entregou a sua mãe.

«Pelo que se apoderou de todos o temor; a glorificavam a Deus dizendo: Um grande propheta se levantou entre nós; e visitor Deus o seu povo.»

(Evangelho de S. Lucas, cap. VII, v. 12, 13, 14, 15 e 16.)

Levanta-se uma pequena mesquita no lugar onde diz a tradição que era a casa da viuva. Dois ou tres arabes idosos estavam assentados proximo da porta. Entrámos e os peregrinos tiraram, quebrando, alguns specimens das paredes mostras, embora para isso tivessem de tocar, e até de caminhar sobre os tapetes da roza. Era quasi o mesmo que cortar pedações do coração d'esses velhos arabes. Andar grosseiramente sobre os sagrados tapetes da roza, com os pés calçados — coisa que nenhum arabe faz — era causar pena a homens que em nenhuma maneira nos tinham offendido. Supponho que um grupo de extrangeiros armados estavam para entrar n'uma egreja de aldeia na America, e para lembrança, partiam pedações das grades do altar, e saltavam e andavam por cima da Biblia e das alforadas do pulpito? Todavia, os casos são differentes. Um é a profanação de um templo da nossa fé — o outro apenas a profanação de um templo pagão.

Desceamos outra vez para a planície e demorámo-nos por um momento n'um poço — do tempo de Abraham, sem duvida, e situado n'um orno. Rodeava-o, tres pés

elevados do chão, um muro de grandes pedras quadradas, segundo o estylo dos quadros da Biblia. Em torno d'elle havia alguns camellos de pé, e outros ajoelhados. Estavam ali tambem uns burricos com crinicas nuas e fincas a trepar por cima d'elles ou escarranchadas nas ancas ou puxando-lhes pela cauda. Raparigas morenas, de olhos negros, descalças, antilhas e enfeitadas com braceletes de latão e arreadas do pichosheque, lavavam cantaros de agua á cabeça ou tiravam agua do poço. Um rebanho de ovelhas aguardava que os pastores enchessem de agua as pedras consagradas para poderem beber — pedras que, á semelhança das que cercavam o poço, estavam macias, de gastas, e profundamente cavadas pelos inquietos focinhos de com gerações de animas com sede. Arabes pittorescos, sentados no chão em grupos, lamavam com solemnidade nos seus ebibouks de compridos caudos. Outros arabes enchiam de agua pelles negras de porco — as quaes, depois de bem cheias, e distendidas com a agua até as pequenas pernas sahirem a custo da sua devida situação, davam ares de porcos mortos inchados por effeito de afogamento. Ali estava um grande quadro oriental que me tinha maravilhado mil vezes em finas, ricas, gravuras do aco! Mas n'estas não havia miseria; não havia immundície, não havia trapos, nem pulgas, nem feições horridas, nem olhos doentes, nem carnosas moscas, nem grosseiras gorriças, nem ambulantes, nem manchas sem pelle no lombo dos burros, nem falatorios desagradáveis em linguas desconhecidas, nem feição de camellos.

As scenas do Oriente tarcem melhor vistas nas gravuras em aco. Já me não fará mais impressão aquelle quadro da rainha de Sabá de visita a Salomão. Dirá de mim para commigo: Vossa Magestade é linda, mas não tem os pés lavados, e cheira a camello.

Ha pouco um arabe rude, encarrucado de uma caravana de camellos, reconheceu um velho amigo em Ferguson; correram ambos a um tempo, lançaram-se nos braços um do outro, e beijaram-se respectivamente nas duas faces. Isso explicou-me n'um instante uma coisa que sempre me pareceu uma remota figura oratoria oriental. Refiro-me ao caso de Christo ter repellido um phariseu — outro que tal, e do o advertir que não tinha recebido d'elle o «beijo de boavinda». Não me parecia razoavel que os homens se beijassem uns aos outros, mas agora estou certo de que o faziam. Havia razão para isso tambem. O costume era natural e proprio; porque a gente deve dar beijos, e não seria para esperar que um homem fosse beijar uma das mulheres d'esta terra, por sua propria vontade e deliberação. E' mister viajar para aprender. Agora, todos os dias as velhas phrases da Escriptura, que de antes não tinham para mim nenhuma significação, adquirem por si mesmas sentido.

Cambrámos em torno do sopé da montanha — o pequeno Hermon — passámos pelo velho castelo dos cruzados El Fuleh, e chegámos a Shumem. Outra Magdala em miniatura, frescos e tudo. Diz a tradição que foi aqui o heroe do propheta Samuel, e que a mulher Shunamita edificou uma pequena casa sobre a muralha para acomodação do propheta Eliseu, que lhe perguntou o que queria ella em paga. A pergunta era natural, porque esta gente está e estava no costume de fazer favores e serviços, e espera o paga que l'ho pagarem. Eliseu comprehendeu bem. Tinha não comprehender que algum construisse para elle aquelle humilde espedaço apenas pela simples razão de antiga amizade, e sem nenhum outro motivo interessado. Parecia uma permuta muito pouco delicada, para não dizer grosseira, feita por Eliseu á mulher, mas agora já me não parece isso. A mulher disse que nada esperava. Então, pela sua bondade e desinteresse, o propheta encheu-lhe o coração de jubilo com a nova de que ella teria um filho. Era uma grande recommendação — mas, se fosse uma filha, ella não l'ho teria agradecido — as filhas foram aqui sempre impopulares. O filho nasceu, chorou, tornou-se forte, morreu. Eliseu restituíndo-lhe a vida em Shumem.

Encontrámos aqui um bosque de limoeiros — frescas sombras, carregado de fructos. Cada qual pode dar exaggerado apreço á belleza, quando é raro, mas a mim pareciam-nos este bosque muito bello. Não o apreço em demazia. Hei de sempre recordar-me, com saudade de Shumem, como de um sitio que nos deu esse abrigo de folhagem depois de uma longa cavalcada por um sol ardente. Tomámos lunch, docecamos, fumámos os nossos cachibos durante uma hora, e depois montámos e partimos.

Quando trotávamos pela planície de Jezreel topámos meia dúzia de beduinos, com lanças muito compridas nas mãos, em cima de velhos cavallos, e aluceando inimigos imaginarios; gritando e agitando os seus andrajos ao vento, semelhantes em todo o sentido a um bando de desappareados lunáticos. Finalmente, aqui estavam os «fers» e livres fillos do deserto, correndo sobre a planície como o vento, nos seus bellos corseis arabes, a cujo respeito tanta coisa temos lido e tanto suspirávamos por ver. Aqui estavam os «trajos pittorescos»: Era este o «galante espectáculo!» E os corseis arabes, escanzalados como o leithyssauro do museu, angulosos e corcovados como o privalo! Por os olhos no genuino fillo do deserto é privalo para sempre do seu ar romantico — e observar o seu cavallo dá vontade de lhe tirar os arceiros e de o deixar cair aos pedacos.

Chegámos então a uma velha cidade em ruínas sobre um monte, a antiga Jezreel.

Ahah, rei de Samaria (era n'esses tempos um grande reino, e tinha quasi metade do tambao da ilha de Rhodes habitava a cidade de Jezreel, que era a capital.



Próximo d'elle vivia um homem, de nome Naboth, que possuía uma vinha. Pediu-l'ha o rei, e como elle não lh'a ddeza, propoz-lhe a compra. Naboth, porém, recusou-se a vendê-la. N'essa era passava por uma especie de crime desafazer-se alguém da herança fosse porque fosse—e, até, quando um homem dispuha d'ella, revertia para elle ou para os seus herdeiros no próximo jubileu. De maneira que este espoliado filho de reis fo-se deitar sobre a cama, com o rosto voltado para a parede, e mortificou-se profundamente. A raiz, caracter notavel n'esses dias, e cujo nome é uma sentença e uma exprobração ainda hoje, foi ter com elle e perguntou-lhe porque se affligia, e elle disse-l'ho. Jezabel obtemperou que poderia haver a vinha; sahio e forjou cartas para os nobres e homens doutos, em nome do rei, em que lhes ordenava que proclamassem um jejum, lovassem Naboth á presença do povo, e subornassem duas testemunhas para jurarem que elle tinha blasphemado. Assim o fizeram e o povo lapidou o acusado junto aos muros da cidade, e elle morreu. Então Jezabel buscou o rei e disse-lhe:—Naboth já não é vivo, levantate e vas tomar conta da vinha. Ahab, senhor da vinha, dirigiu-se a ella para tomar posse. Mas appareceu-lhe lá o propheta Elias, e lencho a sua sina, bom como a de Jezabel; e disse que no lugar onde os cães tinham lambido o sangue de Naboth haviam tambem de lamber o sangue d'elle—e que, da mesma sorte, os cães haviam de devorar Jezabel junto dos muros de Jezreel. Pelo decurso do tempo, o rei morreu n'uma batalha, e, quando lavavam as rodas do seu carro no poço de Samaria, os cães lamberam o sangue. Volvidos annos, Jehu, que era rei de Israel, marchou contra Jezabel, por ordem de um dos prophetas, e infingiu-lhe um d'esses castigos tão frequentes entre o povo n'esses tempos; matou muitos reis e os seus subditos, e, quando vinha retirando, viu Jezabel pintada e hindamente vestida a uma janella, e mandou que lh'a trouxessem para baixo. Um criado cumpriu esta ordem, e o cavallo de Jehu pizou-a aos pés.

Jehu sentou-se então á mesa para jantar, e disse logo:—Enterram essa maldita mulher porque é filha do rei. Despertou, n'elle, contudo, muito tarde o sentimento da caridade, porque a propheta já se havia cumprido—os cães tinham-na comido e d'ella só restava «a caveira, os pés e as palmas das mãos».

Ahab, o defuncto rei, tinha deixado a familia ao desamparo, e Jehu matou setenta dos fillos orphãos. De-

pois deu a morte a todos os parentes, mestres, criados e amigos da familia, e descançou dos seus trabalhos até chegar próximo de Samaria, onde encontrou quarenta e duas pessoas e lhes perguntou quem eram; responderam que eram irmãos do rei de Judá Matanoss. Quando entrou em Samaria disse que mostraria o seu zelo pelo Senhor, e convocou para uma reunião todos os sacerdotes e pessoas que adoravam Baal, declarando que la adoptar essa religião e offerrecer um grande sacrificio; e quando todos estavam juntos, fechou-os n'um lugar onde não podiam defendese, e determinou que todos fossem mortos. Depois Jehu, o bom missionario, descançou mais uma vez dos seus trabalhos.

Desceamos ao valle, e seguimos a cavallo para a fonte do Aiu Jehud. Chamam-lhe ordinariamente a fonte de Jezreel. É um poço de cem pés quadrados e de quatro de profundidade, com uma nascente que brota d'um montão de pedras sobrepostas. Está no meio d'um grande ermo. Foi aqui que Gedeão assentou os seus arraiaes em antigos tempos. Por detraz de Shimeon estão os «midianistas, os amalekitas e os fillos do Oriente» que eram tantos como os zafanotos e elles mais; os seus camellos eram em tanta quantidade como as ardeas do mar. O que quer dizer que ascendiam a cento e cincoenta mil homens, e tinham os serviços de transporte correspondentes.

Gedeão, só com trezentos homens, surpreendeu-os de noite, e quodou-se a vellos matar uns aos outros até cento e vinte mil ficaram estendidos mortos por terra.

Antes da noite acampamos em Jenin, e levantámo-nos e partimos á uma hora da madrugada. Vinha já clareando a manhã quando passámos pelo sitio, onde as mais autorisadas tradições collocam o poço, em que os irmãos de José o lançaram, e depois de termos passado por uma cadeia de corros de montanhas cobertos de bosques de figueiras e de olivados, com o Mediterraneo a vêr-se a quarenta milhas de distancia, eo de atravessarmos muitas antigas cidades bíblicas, cujos habitantes se irritavam asservidamente contra o nosso sequito christão, e pareciam inclinados a correr-lo á pedra, seria meio dia quando chegámos a uns montes singularmente apilados e pouco convidativos, por nullo e conhecemos que estavam fora da Galias e finalmente na Samaria.

Trepámos a um alto monte para visitar a cidade de Samaria, onde nos veio á lembrança a mulher que conversou com Christo no poço de Jacob, e d'onde, sem du-

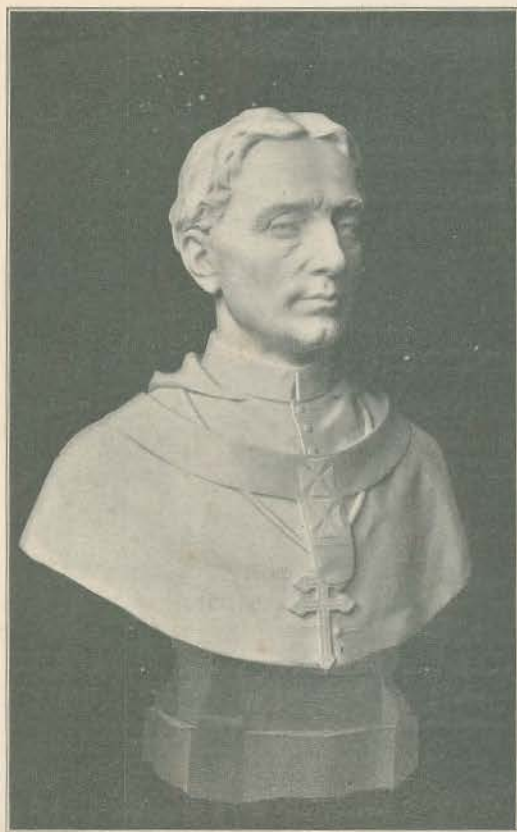
vida, veio tambem o bom samaritano. Conta-se que Herodes o Grande fez uma magnifica cidade d'este lugar; e muitos auctores apontam como prova d'isso o grande numero de grosseiras columnas que tem vinte pés de alto e dois de grossura, columnas quasi destituidas de graça architectonica, de firma e de ornamento. Todavia, não tem sido consideradas formosas na antiga Grecia.

Os habitantes d'este lugar são especialmente violentos, e lapidaram dois grupos dos nossos peregrinos ha um dia ou dois, o que motivou a difficuldade de mostrarem os seus revolvers, quando nenhuma intenção tinham de usar d'elles—coisa fida por desavisada no Extremo Oriente, e que de certo dederia de ser assim julgada em toda a parte. Nos novos Territorios, sempre que um homem lança mão d'uma arma, é porque tem de se servir d'ella; ha de usar d'ella immediatamente senão vae logo para terra com uma bala. Esses peregrinos tinham andado a ler Grimes.

Em Samaria apenas comprámos mãos cheias de antigas moedas romanas, a franco a duzia, e contemplámos a igreja arruinada dos cruzados e a estancia de abobada em que esteve outr'ora o corpo de S. João Baptista. Ha longo tempo que essa reliquia foi levada para Genova.

Samaria teve um cerco desastroso no tempo de Eliseu ás mãos do rei da Syria. Os viveres chegaram a ponto de que «a cabeça de um burro se vendeu por oitenta moedas de prata, e por quatro uma pequena porção de estrume de pomba».

A recordação de um incidente d'aquelles ruins tempos dará muito boa idéa da miseria que reinava dentro d'aquelles muros que se iam esborçando. Quando o rei andava um dia a passear nas trincheiras, uma mulher gritou-lhe:—Aqui d'el-rei!—E o rei lhe disse:—O que tens que te affliges, mulher?—Ao que a mulher respondeu:—Esta mulher disse-me: «Dá-me o teu filho, para a gente comer hoje, e amanhã comeremos o meu filho. Cosinhá-mos o meu filho, e comenmo-lo, e eu disse-lhe no dia seguinte: «Dá-me o teu filho para o comermos, e vae ella escudando o filho».



UM BUSTO DE FIL. MANUEL DO CENACULO
TRABALHO DO ESCULTOR COSTA MOTA DESIGNADO A GALLERIA DO SR. BARROSA, DE EVORA



D. JOSE MANUEL DE CARVALHO
BISPO DE LISBOA
Fallecido em 24 de abril



MAJOR JOAQUIM BOBES LAGOA
Fallecido em 27 de abril



O 1.º TENENTE SR. FRANCISCO VIEIRA
DE MATTOS
COMMANDANTE DA ESQUADRILHA DE OPERAÇÕES NA GUINÉ



FRANCISCO RODRIGUES GOMES JARDIM
COMMANDANTE DOS BOMBARDAS VOLUNTARIOS D'AJUDA
Fallecido em 15 de abril

CHRONICA ELEGANTE

Uma das atracções que mais poderosamente concorrem para animar e alegrar os passeios e jardins publicos de Paris e Londres e que felizmente começa a desenvolver-se em Lisboa é a vinda de gentis crianças que voltam, correm, saltam e chilreiam como bandos de avesinhas, como flores animadas e vivazes. Noutros tempos entre nós o passeio era exclusivamente domingueiro e as pobres crianças, mais endomingadas ainda, circulavam naturalmente pelas mãos das mães ou dos papás, e por vezes de ambos, com ares de anjinhos do processo. Hoje, graças ao progresso sempre crescente da educação moderna, e segundo os preceitos de bem comprehendida hygiene, já se vêem crianças nos dias de semana, correndo, brincando à vontade e constituindo um verdadeiro regato dos olhos e encanto dos que as sabem apreciar.



FIGURA 1



FIGURA 2

O mesmo progresso que preside ao augmento dos passeios influíu tambem necessariamente no vestuario, que actualmente é perfeitamente adequado ás necessidades de movimento, de liberdade e de expansão tão proprias da infancia.

O genero inglez é que domina sobretudo na mais tenra idade. O vestido sem cinta todo solto, amplo, curto, é o ideal da criança que quer brincar.

Em casos de cerimonia, que devem ser poucos para os pequenos, dias de annos, distribuição de premios, festas diversas, adopta-se o mesmo feitiço, executado com tecidos mais custosos e elegantes.

As meninas dos 12 annos em diante são umas senhoras em miniatura e o seu traje participa necessariamente de das mães, segundo a moda nas suas linhas prin-

cipaes, mas conservando sempre no meio do relativo luxo o sumptuosidade um cunho de simplicidade na forma e nos enfeites.

Nos chapéus observa-se a mesma regra e é notavel que se accentua mais o luxo nas crianças muito pequeninas do que nas mais crescidas. As côres dos *babies* pequenos ou grandes são o azul claro, o rosa e principalmente o branco. Os tecidos finos, cassas, *batistes*, *voties*, *ponções*, *foulards*, *liberty* e *tuffetas* são principalmente adoptados para *bailets* elegantes. As flores preferidas para chapéus são as rosas de toucar, *maquet*, *margaridas*, *myosotes*, *bragades* (arroz), enfim cousas que sejam frescas, alegres e mimosas como as gentis cabecças que vão ornar.

FIG. 1—Vestido para menina de 13 a 14 annos, em *monsefine* branca com guarnições de renda e entremeios de *Valenciennes*. *Desous* em *foulard* rosa, azul pallido ou branco.

FIG. 2—*Capeline* em crina côr de rosa guarnecida e atada com *gaze* rosa. Plumas rosa e grinalda de *arces* côr de rosa por dentro da aba.

FIG. 3—Vestido para menina de 6 a 9 annos, em *shangai* branco com gola de *monsefine* enfeitada de *guitare* branca.



FIGURA 3